

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 10 | Nº 30 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.6544448>



O NADA DO PENSAMENTO

Caio César Costa Santos¹

Resumo

Este ensaio trata de dois pontos: da substancialização da coisa pensante na consciência e da dessubstancialização desta coisa pensante ao passar para o nada abstrato local de pura inércia objetal. Nosso objetivo é esclarecer alguns pontos deste processo. A metodologia empregada é crítico-reflexiva. Concluímos e defendemos que o nada do pensamento é um momento fundante e fundamental para a efetiva estruturação da coisa pensante.

Palavras chave: Inércia Objetal. Nada. Pensamento.

Abstract

This essay deals with two points: the substantialization of the thinking thing in consciousness and the desubstantialization of this thinking thing by passing into the pure nothingness local of pure objectal inertia. Our objective is to clarify some points of this process. The methodology used is critical-reflective. We conclude and defend that the nothingness of thought is a founding and fundamental moment for the effective structuring of the thinking thing.

Keywords: Nothingness. Objectal Inertia. Thought.

Que deve ser o homem em seu ser para que
através dele o nada venha ao ser?

Jean-Paul Sartre

31

O que pensa o pensamento? Pensamento como livre decomposição, transformação incessante de ilimitada extensão, coexistência de devires loucos desenfreados, superfície abstrata cuja concretude aparece apenas na solidão iluminada de uma ideia. Ideia cujo aparecimento retroalimenta-se de pontos de luz ou halos temporais que substancializam em uma coisa orgânica, semiótica e invisível. Ideia ou ponto de luz que sinaliza um objeto à vista perceptiva, mas que se decompõe logo em seguida e, por um estranho outro instante, volta inesperadamente e subitamente a preencher o espaço vazio da mente. Pura inércia objetal que só se torna efetividade pura quando por um instante infinitesimal se pára de pensar nesta objetualidade. Vazio existencial da substância objetal da coisa onde se sente a pura solidez do agora puro. Um nada sem vir a ser, um espaço-tempo nadificado para lembrar o nada sartriano e hegeliano. De Sartre, um nada ontológico. De Hegel, um nada hermético. O nada da coisa sem forma, sem conteúdo, sem pensamento algum. Momento de efetivação enquanto puro nada. Abstratamente, união ou ligação de todas as ekstases em um único e solitário ponto-luz da consciência. Consciência ou pensamento maquínicos cuja concretude ôntica se dar no vir a ser, sendo, jamais é ser. No entanto, depois do vir a ser, o devir se delirando como doce distúrbio, volta-se ao nada-ser, ao nada-é, ao nada do nada. Estado ou encontro cujo qual se forma mesmo imperceptivelmente a solidez de pura efetivação da

¹ Psicanalista e especialista em Psicologia Existencial Humanista e Fenomenológica. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail para contato: cesarinmind@gmail.com



coisa. No instante desta efetuação, o nada impera como se nada estivesse acontecendo. Mas, por outro lado, tudo progredindo ou evoluindo no núcleo egocêntrico da coisa, em sua funda e escura profundidade. Nada obscuro.

A coisa ainda que pensada parece-nos inerte em seu campo fora do eixo egocêntrico ou egóico. A coisa, pelo contrário, está em constante combustão atômica e ainda mais anímica. O *animus* da coisa se desprende por um instante do conteúdo psíquico e aterriza no nada. Esta coisa como puro nada nada absorve senão sua pura e solitária própria essência. A essência dentro dela mesma, o ser-sendo-que-ele-é. É possível, ainda que estranho, ser sem estar sendo ser. Isto é o nada da coisa, puro desvio de si mesma. Um nada objetal ou coisal que se consubstancializa nele mesmo, força penetrante que vai de essência em essência, sem tocar mesmo superficialmente o ponto de luz da consciência. Encontro de essências nelas mesmas. Neste ponto, se subtrai de si um ponto ínfimo de eternidade. No instante infinitesimal da eternidade, o nada é, o nada sendo nada-ser. Neste caso, o que parece ser eterno em cada instante é as voltas e os retornos que o nada objetal se dar nele mesmo. É como se cada ponto de substancialização do nada dentro do objeto se desse num único êxtase de eternidade. É como se fosse várias cascas, várias camadas de essência que vão se formando sem nada aparecer que se estar formando. É o nada fazendo seu próprio trabalho de nadificação. É um ponto de luz que se brota do próprio buraco cósmico do nada. Ele é ainda transatmosférico, acontece sem limite, medida ou extensão. O único elemento abstrato que entra nele mesmo é o devir ou um ponto de luz de eternidade em cada essência que vai se tornando ela mesma durante a inércia objetal. Essência por essência vai se formando sem nenhum tipo de toque da perceptualidade do pensamento. A decomposição é pura e simplesmente apenas no nada sem estar visivelmente vendo que se estar se compondo, ou melhor, se formando. São ekstases internas no núcleo vazio do nada. Vazio apenas preenchido pelo devir louco de ser devir.

Aí volta-se a consciência neste componente todo. Após a nadificação do objeto nele mesmo que se move imperceptivelmente de essência em essência, é reconduzido a retornar à verdadeira luz iluminante e imanente da consciência. Em outras palavras, é-se convidado a se substancializar após a dessubstancialização do nada que era pura inércia objetal sem a coisa pensante do pensamento. O pensamento entra novamente pela segunda vez em cena. Após pensar e enquanto pensa o nada abstrato fazia o seu trabalho, agora o pensamento retorna ao seu centro como luz de substância. A perceptualidade entra de novo em cena trazendo aquele objeto depois de passar pela inércia objetal de sua nadificação. Agora, a percepção não é mais pura e tão verdadeira e única como no primeiro contato com a coisa objetal. A segunda aparição da percepção é a de evocar e a de retornar o objeto ao seu centro perceptivo após sua nadificação. A percepção recentraliza, tudo isto a um instante infinitesimal, a um instante que não é possível se quer mensurá-lo. Este instante é infinitamente ele mesmo ao estar



acontecendo. Seria o devir-louco que não conseguimos jamais captar com nossa insuficiência do aparelho perceptivo-ontológico para coisas extraordinárias como esta. Agora, o objeto se torna coisa luz-vivente para nós, para o pensamento. Neste caso, o objeto retornaria como força novamente maquínica, de voluptuosos e densos contatos inextensionais dos quais somente a duração do instante é capaz de captá-lo. Agora, a forma e o conteúdo do objeto é um outro na consciência pensante, formando um novo centro de perspectivas duracionais. Para cada duração que dura na consciência pensante, um novo foco, uma nova atualidade do objeto. Pensando com Deleuze ([1972] 2011), seria “o dentro e o fora, o fora e o dentro”. De dentro, se costuma introduzir somente a coisa pensante interna do pensamento como se só existisse no mundo uma única e verdadeira interioridade que é a do pensamento, mas se deve também introduzir a coisa do puro objeto nadificado, o nada nele mesmo, pois sua interioridade é interiorizada por ekstases de nada puros. Neste caso, o nada puro não seria puramente um puro, dentro dele há aquelas essências que falávamos anteriormente. Do fora, poderíamos dizer que é o momento em que é quando a coisa pensante entra em contato novamente com o objeto que era até um instante anterior inerte (aquela decomposição interiorizada dos instantes duracionais do próprio nada puro). Este fora seria tanto o salto que o objeto dá para fora da consciência, quanto o fora da consciência que se dá quando o processo de nadificação do objeto está em atualização.

Quando o objeto se sujeita a estar “fora da consciência”, por um instante, ele entra no caminho do nada objetual pelo qual o objeto vai tomando formas novas de essências. Ao voltar para a consciência, este objeto está mais firme, robusto e com certa intensidade a qual não existia antes, pois o nada mesmo no nada fez todo o trabalho de tornar aquela coisa, mesmo no vazio, uma coisa elementar, a formação de uma nova elementaridade do elemento. Tornando elemento, ele não está mais fora da consciência, mas, agora, dentro. Neste limite, a consciência pensante absorve toda aquela elementaridade e continua a se compor com o tecido da perceptualidade ou percepção. Neste momento, a coisa objetual aparece ao pensamento como uma coisa muito mais vivificada, forte, bruta, relampejante, iluminada, pois não sabemos se no processo do nada puro existiriam formações de pontos de luz, sabemos apenas que existiriam devires. Mas, se para todo devir há a penetração de um halo ou ponto de luz sendo que o próprio indício de temporalidade contém luz, aí poderíamos arriscar dizer que sim, existem pontos iluminantes no nada puro também. Sendo assim, a consciência pensante faz tornar o processo abstrato do nada uma coisa um pouco mais concreta. Nas voltas à percepção, o objeto anteriormente pensado ganha uma nova solidez. Neste processo, é como se houvesse o aniquilamento de uma forma anterior do objeto, conservando claro suas essências para uma nova dimensão ontológica do objeto. Tal aniquilamento seria o apagamento das impurezas que impedissem de ver sua nitidez objetual e por outro lado a conservação de uma forma mais viva e iluminada. O ego do pensamento agora vê concretamente



mesmo abstratamente (ou semioticamente) o que o objeto é firmemente e elementarmente. Para que frise bem na mente: primeiro a consciência pensante pensa o objeto, enquanto pensa, o vazio do nada objetual faz todo o trabalho de elementarização do objeto enquanto este estar inerte e fora da consciência, depois o objeto retorna à consciência pensante como um novo meio de pensar novamente aquele objeto e aí retorna novamente para o vazio do nada e abstratamente e invisivelmente e imperceptivelmente se volta à consciência e assim *ad infinitum* até existir vida no pensamento.

E aí é o caso de introduzir o chamado “impulso vital” bergsoniano. Bergson ([1907] 2019) diz que o impulso vital é a potência infinita da coisa. Eis que trazemos este conceito para a nossa reflexão. Para Bergson, para cada coisa imersa no mundo, seja ela, animal, vegetal, mineral, microcelular e até inorgânica é possível que em cada uma delas e de um modo singular coexista à vida um impulso vital. Como este conceito de “impulso vital” poderia nos fornecer elementos para pensar o processo de composição e decomposição da coisa pensante sobre o qual falamos anteriormente? A questão é que da própria força imanente da coisa pensante ou não coexiste um impulso vital que a torna um ser vivente por excelência. Poderíamos pensar numa coisa inorgânica e aparentemente sem nenhum conteúdo psíquico como uma pedra. No momento em que o ego pensa a pedra, no interior deste mesmo momento se formam as formações das essências aparentes do teor substancial da pedra. É o caso do nada objetual que vai formando essencialmente o elemento “pedra”. Neste momento, no interior dos próprios devires vão se formando as essências aparentes da pedra. É como neste exato momento em que eu estou tentando descrever o estado anímico da pedra ao aparecer para a consciência, enquanto já se passaram um grande conjunto de devires e mesmo assim eu ainda estou na reflexão da pedra. O mesmo acontece com o processo de nadificação da pedra no estado de nada objetual. Eu penso a pedra e no conjunto do nada a pedra retorna como um elemento e este mesmo elemento volta ao nada novamente para depois voltar ao estado de consciência pensante. É como se em cada estágio deste processo coexistisse uma eternidade substancial da coisa objetual que conserva seu devir. Dito de outro modo, o impulso vital estaria mais para a consciência pensante do que meramente do nada, mesmo que o nada puro se componha também de iluminações ou halos temporais. A pedra inorgânica se torna orgânica para mim, pois eu penso também para mim que esta pedra pensa dentro de meu pensamento, ou seja, ela sofre ekstases modo temporais cujo seu movimento anímico faz crer na possibilidade de sua vivência vivente pelo impulso vital. Há vida e vitalidade no pensamento, mas não poderíamos dizer que há o mesmo no nada puro sendo que o nada é apenas nada, puramente nada. Não há nada logo não há nada, nem vida. Porém, a própria vida poderia ser vida temporal já que os devires-loucos estão a todo instante perfazendo a coisa objetual mesmo em profundo estado nadificado.



O impulso vital bergsoniano viria da própria imanência da coisa, de sua força bruta ou vital de acontecer, de estar-em-vida. O pensamento em um estado maquínico ou ele próprio o pensamento é uma maquinaria ou maquinagem produtora de elementos inextensionais embora iluminadores desencadeados pelo impulso vital. A vitalidade dos elementos do pensamento seria a vida do pensamento em progresso até o seu fim pensante, caso exista um fim eterno para o pensamento. Sartre ([1943] 2015) diz que em todo elemento consciente coexiste o nada. É do mesmo nada que falávamos anteriormente. Com outras palavras, chamaríamos isto de “um nada substancial”. Será que o nada seria uma substância ou do próprio nada se produziram substâncias? Substância mesmo com rigorosa substancialidade só poderíamos falar do pensamento, quando o nada se amolda ao pensamento e com a ajuda da massa psíquica se produziram substâncias objetais. É difícil dizer que o nada puro é uma substância se ele não é outra coisa a não ser o nada. Mas, poderíamos pensar que há coisas acontecendo no nada puro, porém não é a mesma coisalidade da vida aqui psíquica. Podemos chamar de “coisas” as coisas do nada porque se quer conhecemos as coisas do nada para chamá-las de alguma coisa. Sabemos apenas que há coisas como devires que a tudo penetra, mas não sabemos que tipo de modificações coisais existe no nada. A temporalidade penetra no nada e aí concordaríamos em dizer que há uma substância temporal em progresso, mas e as modificações no nada puro porque mesmo que este nada puro seja um agora puro no nada puro existe assim uma eternidade do objeto que não conseguimos captar com nenhum dos sentidos. Seria uma coisa espiritual o nada? Seria que para alcançar as modificações do nada deveríamos passar das noites sensitivas para as noites espirituais como São João da Cruz ([1578] 2014) nos revela em “A noite escura da alma”? Este nada seria uma alma fora do espaço embora dentro também do tempo que pensaria por si mesma, mas e se para pensar eu não precisaria de um espaço mesmo abstrato em que alojasse o movimento modificador do próprio nada? Sabemos apenas que este movimento modificador da essência da coisa objetal acontece sim fora do espaço embora dentro do tempo porque composto de devires. É como se temos aquela experiência no cotidiano de em milésimos de segundos não pensamos em nada, o nada entra subitamente sem pedir licença, aí encontramos e sentimos mesmo por um instante a doce suavidade da passagem da eternidade ou da eternidade pura do momento. Quando o objeto entra no nada puro para depois voltar à percepção novamente ele estar justamente neste momento de eternidade pura, onde não há nenhum indício de espaço, nem de tempo, muito menos de matéria. Mesmo assim, seria muito difícil de falar ainda assim em movimento das coisas do nada puro. De todo modo, há algo ou alguma coisa que acontece no interior do nada puro e não sabemos com exatidão o que seria.

Porque ele, o nada, não é puramente um nada porque justamente o devir e os devires penetram nele. Há de todo modo uma substancialização do tempo dentro dele porque o tempo a tudo devora. Mas,



é como dizemos anteriormente, quando o nada preenche a coisa objetiva enquanto penso por um instante ele é preenchido pela eternidade pura, ou seja, por um vazio ou nada puros. Neste estado, não há tempo, nem espaço, nem coisa qualquer, aí sim o nada encontra-se em estado puramente puro, ele é o nada ele mesmo, por excelência. Em contrapartida, o pensamento faz é de “concreto” o nada abstratamente. Sua força vital é fazer testemunho do interstício entre nada e ser, ser e nada. Quando há o nada só há o nada, o vazio, pura eternidade interiorizada nela mesma. Quando há o ser neste mesmo instante só há o ser-sendo-ele-mesmo, sendo-que-é. Mas, por um instante infinitesimal, o nada advém e entra o ser, ou melhor, ele conecta-se ao ser, mas logo sai e assim *ad infinitum*. O nada só entra no ser no instante em que ele não é mais ser, mas nada. Depois, é ser novamente e depois nada. Neste intervalo ininterrupto entre o pensar, a coisa e o nada. É um desvio ou distúrbio aparente próprio da magnitude da imanência e interpenetração do devir-louco-de-ser. Dentro e fora há substância temporal, há interstício de relações. Entre o ser ou ego pensante e o nada abstrato o que há são relações, mas quando o nada ou vazio puro entram em relação, não há mais nenhum tipo de relação, o que há é o nada pura e simplesmente. Há uma “simplicidade do nada” como Hegel ([1816] 2016) nos alerta. E esta simplicidade é o caro uso de sua própria abstração. A simplicidade do nada para nós seria um profundo Acontecimento dentro dele mesmo e que se retroalimenta dele próprio. O nada é simples, simples abstração. Ele abstrai os senhores do mundo, o tempo e o espaço, e se “localiza” em um lugar e tempo cujo próprio elemento espaço-temporal é ele mesmo. Ele é o nada e nada mais, pura e simplesmente o nada. Mas, é a corrosão e ruptura do pensamento que faz ruir e corromper a força bruta e por um momento inacessível do nada, mas quando o pensamento entra em cena não é mais nada, mas uma massa rigorosamente psíquica. Tudo passa. Então, não há nada que fica em estado inerte e sem modificação. O nada não pode ser simplesmente e apenas nada, ele precisa de outro lado ou do mesmo lado do ser a fim de fortalecer sua existência. Esta filosofia do nada é algo tão imediato, é de tão pura imediatez, que não se pára para pensar no nada, sendo que ele está presente a todo instante quer pensemos ou deixemos de pensar.

REFERÊNCIAS

- BERGSON, H. **A evolução criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- CRUZ, S. J. **A noite escura da alma**. São Paulo: Editora Vozes, 2014.
- DELEUZE, G. **O anti-édipo**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- HEGEL, G. **Ciência da lógica: a doutrina do ser**. São Paulo: Vozes, 2016.
- HEGEL, G. “Quem pensa abstratamente?”. **Síntese Nova Fase**, vol. 22, n. 69, 1995.
- SARTRE, J-P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 2015.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 10 | Nº 30 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima